



## MIKHAIL BAKHTIN E ANTONIO CANDIDO: APROXIMAÇÕES EM FAVOR DE UMA ANÁLISE ESTÉTICA IMANENTE

*Mikhail Bakhtin and Antonio Candido: approximation in favor of immanent aesthetic analyze*

BÁRBARA DEL RIO ARAÚJO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo busca estabelecer os princípios que fomentam a concepção sobre forma estética para Mikhail Bakhtin, especificamente nas obras *Estética da Criação Verbal*, *Questões de Literatura e Estética* e *Problemas da poética de Dostoievski*, no que diz respeito à estilística e ao plurilinguismo. A partir disso, proporcionaremos uma aproximação com o crítico Antonio Candido sobretudo em relação à conceituação da redução estrutural e da formação do personagem de ficção, a fim de mostrar que ambos executam uma análise imanente, servida pelos princípios materiais do texto, o quais são capazes de levar para além dele, constituindo representações sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estética imanente. Mikhail Bakhtin. Antonio Candido.

**ABSTRACT:** This paper aims to establish the main elements that compose the conception about aesthetic analyses by Mikhail Bakhtin, present on the books *Estética da Criação Verbal*, *Questões de Literatura e Estética* and *Problemas da poética de Dostoievski*, related to stylistic and plurilinguism. From these principles, we will provide an approach with the Brazilian critic Antonio Candido, especially related to the structure reduction concept and fiction character building, in order to show that both develop an immanent analysis about the literature, composed by text materials, which are able to take beyond it, configuring relevant discussions about social representations.

**KEYWORDS:** Immanent Aesthetic. Mikhail Bakhtin. Antonio Candido.

ARAÚJO, B. del R. Mikhail Bakhtin e Antônio Cândido: aproximação em favor de uma análise estética imanente. In. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out.-dez., 2019.

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira pelo programa de pós-graduação em estudos literários da UFMG. Professora efetiva de Literatura Brasileira no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). barbaradelrio.mg@gmail.com





## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mikhail Bakhtin é um teórico quase inclassificável em relação aos estudos estéticos, uma vez que podemos aproximá-lo tanto aos estudos formalistas, quanto estruturalistas ou ainda marxistas, sem que consigamos reduzi-lo a qualquer uma dessas linhas metodológicas. Por sua vez, o crítico literário Antonio Candido também utiliza de diferentes metodologias, configurando análises coerentes, ainda que adote, por exemplo, pontos de vistas “estruturalistas ou funcionalistas, termos que atualmente se repelem” (CANDIDO, 2009, p.10). O que se pode notar, a princípio, é uma relação bastante interessante entre os dois estudiosos no que diz respeito à maneira de encarar a obra de arte. Entretanto, essas aproximações podem ser expandidas no que diz respeito à forma artística, aos estudos sobre os personagens de ficção e ao gênero romanesco.

Na obra *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*, o filólogo russo define o que seria estética e sua especial interação com a poética. Nesse sentido, estabelece uma visão do todo artístico e da sua partes, enunciando a importância da associação entre o material linguístico e as relações sociais, já que “forma é, por um lado, efetivamente material, inteiramente realizada no material e a ele ligada, e como, por outro lado, ela, enquanto valor, nos coloca nos limites da obra como material organizado, como coisa” (BAKHTIN, 2010, p.28.). Esse mesmo raciocínio também vigora nas pesquisas de Antonio Candido que utiliza do conceito de “forma orgânica” para dizer da constituição interdinâmica entre os elementos da obra garantindo a sua coerência e a sua função social: “me convenço cada vez mais de que só através do estudo formal é possível aprender convenientemente sobre os aspectos sociais”. (CANDIDO, 2010, p.100).

Deste modo, para ambos os críticos, os estudos linguísticos, internos ao texto, são importantes na medida em que levam à ampliação do dado material, sendo ele importante quando garante a autonomia do instrumento artístico, sem alheá-lo ou aliená-lo. Obviamente, existe especificidade no tratamento do texto para cada um desses autores, como se colocará a seguir. De todo modo, “a forma e o conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social – social





em toda as esferas de sua existência e em todos os seus momentos – desde a imagem sonora até os estratos semânticos mais abstratos” (BAKHTIN, 2010, p. 71).

## 1. APROFUNDANDO...

Isto posto, Bakhtin se debruça em analisar os elementos linguísticos, sobretudo no gênero romanesco, se detendo à estilística desenvolvida na relação do autor e leitor inserida no texto, no purilinguismo e na pessoa que fala no romance. Infelizmente, o teórico não concretiza uma teoria do narrador<sup>2</sup>, mas muito se preocupa na criação de personagens e como o autor se insere estilisticamente, ideologicamente e linguisticamente no texto. É nesse momento que ele reconhece os célebres romances dostoiévskianos em detrimento das narrativas de Gogol, Tolstói, Turguiêniev e os outros que padecem da estrutura, cujo aspecto material compromete a representação social.

Especificamente em *Estética da criação verbal*, o filólogo analisa as operações semânticas e formais, salientando que elas são o que interessa em seu estudo. Assim, afirma que “o material biográfico só pode adquirir valor estético, quando iluminado pelo sentido artístico da obra” (BAKHTIN, 2003, p.6). Nessa seara, de modo semelhante, Antonio Candido afirma “que os princípios estruturais é que enformam a matéria” (CANDIDO, 2010, p.16). A preocupação com a matéria faz Bakhtin desenvolver pesquisas sobre a estilística e o plurilinguismo. Em relação ao primeiro, ele se opõe às categorias linguísticas tradicionais, baseada no estudo dos tropos, e discute sobre as estratificações internas da linguagem, na diversidade social da linguagem e na divergência das vozes individuais. É exatamente aí que se encena a questão do plurilinguismo, isto é, a diversidade dos gêneros verbais (folclóricos, retóricos, prosaicos e literários). Isso se relaciona à riqueza do romance e da criação estética já que nela deve ser trabalhado as tendências descentralizantes da vida linguística encenando uma grande polifonia do texto. Tomando o romance de Dostoiévski

---

<sup>2</sup> Como procedeu Wayne Booth, Oscar Tacca e Gerárd Genette.





como exemplo, explicita que a forma do romance deve ser um grande diálogo de um movimento em turbilhão:

Dostoievski teve a capacidade de auscultar relações dialógicas em toda parte, em todas as manifestações de vida humana, consciente e racional, onde começa a consciência, começa o diálogo para ele. Apenas as relações puramente mecânicas não são dialógicas, e Dostoievski negava-lhes categoricamente importância para a compreensão e interpretação da vida e dos atos do homem (sua luta contra o materialismo mecanicista, o fisiologismo em moda e Claud Bernard, contra a teoria do meio, etc.). Por isso, todas as relações entre as partes externas e internas e os elementos do romance tem nele caráter dialógico; ele construiu o todo romanesco como um “grande diálogo”. No interior desse “grande diálogo” ecoam, iluminando-o e condensando-o, os diálogos composicionalmente expressos das personagens; por último, o dialogo se adentra no interior, em cada palavras do romance, tornando-o bivocal, penetrando em cada gesto, em cada movimento mimico da face do herói, tornando-o intermitente e convulso; isto já é o microdiálogo, que determina as particularidades do estilo literário de Dostoievski. (BAKHTIN, 1981, p.34)

Em uma tentativa de organizar o raciocínio, podemos afirmar que inicialmente, Bakhtin concebe a linguagem a ser representada na narrativa como um sistema vivo e dinâmico, que produz e é produzida pelo confronto de consciência, abstraída de percepções ideológicas presente na realidade. A linguagem literária não é, pois, um sistema uno, mas a reunião de outras “linguagens” artisticamente ativas; assim, “ainda que a linguagem literária seja, em seu núcleo inicial, socialmente homogênea, como principal linguagem falada e escrita por um grupo social dominante, ela conserva, apesar disso, a diferenciação social significativa que está sempre presente” (BAKHTIN, 2010, p.97). Diante do que se menciona, Bakhtin explicita sobre o plurilinguismo da linguagem literária, que é capaz de concentrar outros gêneros pela sua natureza dissimulada das representações, já que deforma parodicamente alguns pontos da linguagem cotidiana e comum. Elegendo o romance como o gênero híbrido, estrutura compósita de todos os outros, essa forma consegue fazer com que os demais gêneros tornem-se objeto de sua reflexão transformando-as em uma relação estilística pluralizada: “todos esses gêneros que entram no romance introduzem nele as suas linguagens e, portanto, estratificam a sua unidade





linguística e aprofundam de um modo novo o seu plurilinguismo”. (BAKHTIN, 2010, p.125)

Uma vez colocada a complexidade da linguagem literária e o plurilinguismo romanesco, o autor explicita a necessidade da narrativa ser polifônica. O valor do gênero romanesco e o valor artístico de modo geral está em proporcionar na forma linguística a representação das vozes sociais diferentemente. Deste modo, Bakhtin se recusa ao monologismo e divulga a polifonia como condição para uma estética autêntica. Entretanto, ele associa essa polifonia à capacidade de representação não meramente de vozes dos personagens, mas de consciências em diálogo, relações contraditórias entre pontos de vistas marcados no discurso:

por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso de outrem incluído no contexto sempre está submetido a notáveis transformações de significado (...) a palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amalgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso (BAKHTIN, 2010, p.141).

Interessante, nesse sentido, é a prescrição que o estudioso faz sobre quando e como a polifonia é atingida e revela, em análises de obras literárias, experiências malfadadas. A questão central para a ocorrência da polifonia está na construção das personagens e na relação entre o autor e texto. Nesse sentido, ele recusa a conclusibilidade e o panfletarismo em que o autor se manifesta através dos personagens seus anseios estéticos. Incapaz de fazê-lo artisticamente, esse autor “fala” através da criação. Isso, Bakhtin associa à retórica, ao discurso publicista, mas não à literatura que precisa representar um ideograma social fundido no seu discurso, na sua linguagem e nas imagens singularizadas deste. Assim, os horizontes (social, ideológico, linguístico) devem ser expandidos; as personagens devem ter relativa liberdade no plano linguístico polifônico e nas ideias.

Especificamente em relação às personagens, Bakhtin mostra que sua caracterização não deve ser rígida, mas uma relação entre sua consciência e autoconsciência: não interessa que nela estejam colocados traços da realidade, mas como ela enxerga esses traços e o valor deles para ela. Assim, garante-se





que essa personagem tenha uma liberdade relativa e não seja apenas constructo da palavra final do autor. Inclusive, essa personagem é uma linha de força, pois o próprio autor será inserido em seu campo de visão permitindo que ela crie perspectivas sobre ele:

no plano monológico, a personagem é fechada e seu limites racionais são rigorosamente delineados: ela age, sofre, pensa e é consciente nos limites daquilo ela é, isto é, nos limites da sua imagem definida como realidade (...) A autoconsciência da personagem está inserida num sólido quadro – que lhe é interiormente inacessível – da consciência do autor que a determina e representa e é apresentada no fundo sólido do mundo exterior. (...) A personagem dostoevskiana não é uma imagem objetiva mas um discurso pleno, uma voz pura; não o vemos nem o ouvimos. Afora a sua palavra, tudo o que vemos e sabemos é secundário e absorvido pela palavra como matéria sua ou permanece fora dela como fator estimulante e excitante. (BAKHTIN, 1981, p.42-45)

A relação entre o autor e a elaboração das personagens é determinante na estrutura polifônica e dialógica. Aplicando o princípio da não identidade, em que o homem nunca coincide consigo mesmo e não cabe a aplicação da fórmula  $A=A$ , a forma estética preza pela autenticidade de seus elementos, e, por mais que estejam vinculados à ideia do autor, não podem se delimitar ao campo de visão monológico dele. Assim, para haver polifonia e dialogismo é preciso uma mudança radical da postura do autor, o que revela uma imensa força de construção poética: “Não se exige do autor do romance polifônico uma renúncia a si mesmo ou à sua consciência mas uma ampliação incomum, o aprofundamento e a reconstrução dessa consciência para que ela possa abranger as consciências plenivalentes dos outros”. (BAKHTIN, 1981, p.58)

Segundo Bakhtin, isso não é um fenômeno exclusivamente necessário à recriação artística, mas sobretudo inerente à natureza da própria vida que carece de uma representação complexa. Assim, criar personagem presos e fechados em um determinado discurso que se ignoram mutuamente é estar surdo à realidade. O personagem assim como o autor deve estar aberto a todas as ideias inserindo-as nos seus discursos e nos seus campos de visão. Deste modo, teremos diferentes imagens de uma ideia, permitindo auscultar o fenômeno de modo amplo, inclusive captar relações dialógicas de uma determinada época.





Em Dostoievski, duas ideias já tem o caráter de ser duas pessoas, já que cada ideia representa o homem e seu todo. Nesse sentido, Bakhtin discute a necessidade do personagem sempre ter a capacidade de “outrar-se”, incorporando novas personas. Isso tem reflexo direto na questão estilística do texto a qual deve ofertar não somente a existência de certos estilos de linguagem, dialetos sociais, mas sobretudo que elas estejam em posição dialógica e isso só pode ocorrer se esses discursos se materializassem, isto é, passarem para outro campo de visão para que sejam confrontados. Assim, Bakhtin salienta:

Existe um conjunto de fenômenos do discurso-arte que há muito tempo vem chamando a atenção de críticos literários e linguistas. (...) Trata-se da estilização, paródia, do skaz e do diálogo (composicionalmente expresso, que se desagrega em réplicas). Apesar das suas diferenças substanciais, todos esses fenômenos tem um traço comum: aqui a palavra tem duplo sentido, voltando para o objeto do discurso enquanto palavra comum e para um outro discurso, para o discurso de um outro. (BAKHTIN, 1981, p.160)

O que salta aos olhos nesse fragmento é, além das técnicas, a busca por elas perpetuarem um grande diálogo em que seja possível a ampliação discursiva e também representacional. A intenção é que ocorram convergências entre enunciações para o mesmo objeto; duas palavras de mesmo peso sobre o mesmo tema entrando em relação significativa e refrativa de mútua relação.

Em *Personagem de Ficção*, Antonio Candido relaciona ideias à formação dos caracteres e da personalidade da personagem. Para o crítico, “a personagem vive o enredo e as ideias e os torna vivos”. (CANDIDO, 1987, p.54) Desta forma, elas não são caixas de ressonância do autor ou do mundo, pura e simplesmente. São em partes autônomas para animarem a ideia. Ali na narrativa quem cria a perspectiva são elas, porém não podem existir separadas da realidade que as encarnam, isto é, do mundo que partilhamos. Candido é claro quanto a necessidade de uma boa estruturação e de um diálogo bem construídos: “no fim de contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance” (CANDIDO, 1987, p.55)

Assim, a questão da verossimilhança é algo importante para ambos os estudiosos. Por meio da configuração interna das personagens e das vozes que encenam o romance há de se alcançar não exatamente a realidade, mas a





impressão mais lídima da realidade. Trata-se de uma linguagem particular, inserindo a imediata realidade em uma singularidade estética, tornando-a assim mais inteligível. Candido, então, aborda a questão da descontinuidade na construção das ideias da personagem como algo importante a promover os efeitos de realidade. Essa descontinuidade é a implosão da unidade que aparentemente se vê em uma personagem. O objetivo é aproximado ao filólogo russo que busca a quebra do monologismo e mútua absorção de consciências plenas. Candido deixa evidente a importância das personagens serem capazes de abranger a personalidade das outras, possibilitando uma dinamicidade dialógica entre os elementos do romance. Reforça, por fim, a necessidade dessas figuras serem inconclusas e incompletas, sempre dispostas a abrigar novas perspectivas assimilando a característica humana fragmentária: “No ser uno que a vista ou o contato nos apresenta, a convivência espiritual mostra uma variedade de modos-de-ser, de qualidades por vezes contraditórias”. (CANDIDO, 1987, p.55)

Citando Dostoiévski e mostrando uma aproximação com o autor Machado de Assis, Candido reconhece a importância dos estudos da psicanálise nessa questão de ouvir as consciências na produção da personagem assim como Bakhtin (1981) reconhece a importância das vanguardas, sobretudo do surrealismo na ampliação do diálogo. Candido reforça portanto a configuração da personalidade do personagem como algo multifacetário e complexo. Assim, reconhece a importância do gênero romanesco nessa trajetória: “O romance moderno procurou, justamente, aumentar cada vez mais esse sentimento de dificuldade do ser fictício, diminuir a ideia de esquema fixo, de ente delimitado, que decorre do trabalho de seleção do romancista”. (CANDIDO, 1987, p.59)

O romance moderno caminhou rumo ao reconhecimento da complexa psicologia e variedade dialógica, deste modo, é possível perceber uma passagem do enredo complicado e de personagens simples, típicos do romance do século XVIII para o enredo até mais simplificado com personagens complicadas, subvertendo tudo inclusive o próprio gênero. Diante dessa transformação, Candido enuncia sobre a importância na mudança do papel do escritor. Contrariando Foster que afirma o autor saber tudo sobre suas personagens, o







estudioso diz que as personagens não podem ser projeções das limitações, aspirações e frustrações pessoais da esfera autoral, pois “o princípio que rege o aproveitamento do real é o da modificação, seja por acréscimo, seja por deformação de pequenas sementes sugestivas”. (FOSTER *apud* CANDIDO, 1987, p.67) Assim, o romance deve ser dinâmico e vivo como a realidade, longe de monologismos e próximo das diferentes virtualidades. Portanto, o que lhe garantirá verossimilhança é justamente a análise de sua composição não a sua comparação fixa com o mundo. Referindo à Machado de Assis no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o que interessa é a “substância da vida” estetizada no texto.

Tendo em vista o panorama da literatura brasileira, a qual mantém reações com as demais literaturas, Candido analisa o romance de Machado de Assis e o valoriza pela característica polifônica, como Bakhtin o faz com Dostoievski comparando-o com seus predecessores. Candido reconhece em Machado de Assis não só o aprofundamento de um sistema literário, caracterizado pela circulação de obras, notáveis produções de artistas e projeção positiva de um público leitor, mas sobretudo o fato de ter incorporado uma tradição da literatura nacional, tornando-a crítica e produtiva. Aprendendo com os autores de seu tempo e do passado, a exemplo José de Alencar e Joaquim Jose de Macedo, Machado de Assis soube parodiar o discurso romântico inserindo-o criticamente em seus romances assim como fez com o discurso realista e cientificista, em voga na sua época de produção. Ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é se inserir em um intenso e imenso espaço dialógico e polifônico, já que

A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas de maneira mais cândida; ou estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar de seu arcaísmo de superfície. (CANDIDO, 2004, p.23)

A adesão pela combinação dos contrários revelada sobretudo na volubilidade das personagens fazem de Machado de Assis um escritor que procura trabalhar a polifonia e o conflito de perspectivas no seu texto. Segundo





Antonio Candido, o autor fluminense tem como temática fundamental da sua obra é a problemática da identidade e em que medida um personagem força só ganha vida por meio de outros personagens. Isso muito tem a ver com a questão das consciências inseridas no diálogo com outro capaz de emanar o senso dialógico da obra. De modo comum, esses críticos ressaltam na formação do personagem o problema da divisão do ser, do desdobramento da personalidade importantíssimo não só pela profundidade moderna do assunto quanto para criar a polifonia no romance.

Assim, pode-se dizer que Candido valoriza Machado de Assis por trazer no conteúdo dos romances uma temática importante, mas valoriza sobretudo a forma como se trabalha esse conteúdo. Preza-se, deste modo, pelo rigor formal de um trabalho com a linguagem a qual cultiva o elíptico, o incompleto, o fragmentário, sendo capaz de representar uma pluralidade de perspectivas ativas no texto. Digo mais, Candido valoriza “o estilo guindado e algo precioso com que trabalha e que se de um lado pode parecer academicismo, de outro sem dúvida parece forma sutil de negaceio, como se o narrador estivesse rindo um pouco do leitor” (CANDIDO, 2004, p.22)

A formação do personagem, o estilo que valoriza a técnica e a linguagem, além da polifonia e do plurilinguismo romanesco fazem com que Machado de Assis seja para Antonio Candido um autor engenhoso, ainda que exista ressalvas em alguns contos. A questão técnica é primordial para o estudioso pois é ela capaz de configurar a redução estrutural, isto é, “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma como algo autônomo” (CANDIDO, 2010, p.9). Deste modo, a questão se passa por revelar os materiais literários e ampliá-los mostrando como são fatores do texto capazes de exprimir e representar a realidade social:

Frequentemente os críticos que levam em conta a sociedade, a personalidade ou a história acabam por interessar-se mais pelo ponto de partida (isto é, a vida e o mundo) do que pelo ponto de chegada (o texto). O meu interesse é diferente, porque se concentra no resultado, não no estímulo ou no condicionamento. (...) O alvo é analisar o comportamento ou o modo de ser que se





manifestam dentro do texto, porque foram criados nele a partir dos dados da realidade exterior (CANDIDO, 2010, p.10)

De modo semelhante, Bakhtin valoriza o autor Dostoievski e reconhece nele aprofundamento de técnicas, quando compara *Gente Pobre* aos *Irmãos Karamazov*. Nesse sentido, o filólogo percebe que inicialmente existia apenas uma palavra refrativa do discurso epistolar que segue para uma distribuição ampla de tipos e modalidades de discursos, apresentados de modo bivocal e acentuado. Assim, reconhece que essa transformação elabora de modo profundo a representação dissonante da sociedade:

O diálogo exterior composicionalmente expresso é inseparável do diálogo interior, ou seja, do microdiálogo, e em certo sentido neste se baseia. E ambos são igualmente inseparáveis do grande diálogo do romance no seu todo, que os engloba. (...) As obras de Dostoievski são o discurso sobre o discurso, voltado para o discurso. O discurso representável converge com o discurso representativo em um nível e com os mesmos direitos. Penetram um no outro, sobrepõe-se um ao outro sob diferentes ângulos dialógicos. (BAKHTIN, 1981, p. 236)

A valorização do texto<sup>3</sup> é algo comum entre as análises de Antonio Candido e Mikhail Bakhtin, já que a representação social, ainda que almejada, só se faz possível através da forma do texto. Existe sim uma valorização da representação da realidade, mas isso se passa pelo texto, pela estilística na configuração das vozes das personagens. Tanto o crítico brasileiro quanto o teórico russo deixam claro que o texto é condição para que se tenha uma estética capaz de exprimir as relações humanas fora do âmbito da fetichização e da coisificação, típicos do engendramento capitalista. Apostar na pluralidade discursiva da narrativa é sem dúvida apostar na perspectiva dialógica; é, inclusive, apostar na variedade estilística e na polifonia, sendo assim capaz de configurar a diversidade de matizes que compõe a realidade. Monologismo, estilo cerrado, panfletarismo é reduzir a capacidade de um texto literário, cuja base se

<sup>3</sup> Esse artigo destaca como aspecto positivo o fato de Bakhtin e Antônio Candido encararem o texto como forma de mediação das representações sociais. Nesse aspecto, esses estudiosos se opõe àquelas vertentes teóricas que valorizam o texto apartadas do aspecto histórico, como os estruturalistas franceses e o formalista Jakobson. Para mais informações a respeito dessa contraposição, ver: MERQUIOR, José Guilherme. *De Praga a Paris: uma crítica do estruturalismo e do pensamento estruturalista e pós-estruturalista*. São Paulo: Nova Fronteira, 1991.





caracteriza como um apelo de profanação, de paródia, de colocação de questionamentos essenciais.

## 2. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

A imanência do texto<sup>4</sup> é a grande substância das análises de Mikhail Bakhtin e Antonio Candido, que orienta os princípios importantes da configuração estética. A palavra e a materialidade do texto na perspectiva desses estudiosos é a internalização dos movimentos sociais e históricos, sendo parte representativa dessa totalidade. Nesse aspecto, seguir os artifícios de uma crítica imanente é, em primeiro lugar, obviamente, atender a apreciação do texto e do objeto literário sabendo que ele é uma mediação para diversos níveis, inclusive para representar a complexidade do real. Em segundo lugar, é parecer ser muitas vezes redundante na busca pela explicitação minuciosa da leitura, tentando fazer dela meio para reflexão, explorando seu primado materialista. Assim, muitas vezes o que parece estar sobrando é na verdade uma tentativa de captação da dinâmica do objeto, confrontando-o e não retalhando em direção a uma teoria preconcebida. O que se nota é o refinamento da interpretação a qual não despreza nem o material textual nem o social, mas fazem deles momentos de um processo extremamente mediatizado, em que um se torna a aparição do outro.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Problemas na poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

BAKHTIN, M. M. **Questões de Literatura e de estética**: a teoria do romance. 6ed. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et all. São Paulo: Ed. Hucitec, 2010.

---

<sup>4</sup> A intenção, ao utilizar a expressão “estética imanente” ou “imanência do texto”, é explicitar a concepção de que a análise do texto literário experimenta uma perspectiva dialógica ressaltando uma inter-relação entre texto e discurso. Nesse aspecto, o texto literário, tanto para Bakhtin quanto Antonio Candido, é aquele capaz de proporcionar uma reflexão sobre o enunciado, os discursos que o constituem, além das esferas de produção, circulação, mobilizando o conjunto sógnico e ideológico.





BAKHTIN, M. M. **A estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. 4ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 11ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

